

Pro Vimarane

ADMINISTRADOR:

AURELIO DE BARROS MARTINS
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 RUA 31 DE JANEIRO, 42 — GUIMARÃES

DIRECTOR:

J. SILVA
 SECRETARIO DA REDACÇÃO:
 JOÃO S. S. RIBEIRO

PROPRIEDADE DO GRUPO PRO VIMARANE

Composição e impressão: TIPOGRAFIA LUZITANIA
 RUA ORVAADOR MOLAREIRO, 45 — GUIMARÃES

DO Ex.º Sr. João Lopes de Faria recebemos um cartão que, com os nossos agradecimentos, transcrevemos:

«... Redactor do «Pro Vimarane»...
 Peço licença a V.ª para lhe lembrar que passa neste mes o 1.º centenario do jornalismo vimaranense. Foi nele que saíram os 3 primeiros numeros d'«O Azemel Vimarane», jornal hoje rarissimo, talvez devido ás perseguições politicas d'então, pois era constitucional. Na Sociedade Martins Sarmento, apenas existem 5 numeros: 3, 4, 5, 6, 7 — 11-12-13.

Quanto ao dia em que sahio o numero 1 deve ter sido o de 12, não só por ser o aniversario natalicio do principe D. Pedro, (el-rei D. Pedro IV), mas tambem porque era semanario e o n.º 3 sahio a 25.

Não faça duvida dizer o Padre Caldas no «Guimaraes — apontamentos para a sua historia» que foi em 1823, prova que não viu numero algum, pois diz serem in folio, quando os numeros 3 e 4 tem o n.º 295 e os 5 restantes o n.º 32, calvo se a dimensão depois aumentou.

Digne-se desculpar este atrevimento ao que é de V.ª etc. — JOÃO LOPES DE FARIA.»

É realmente um assunto interessante o que o nosso jornal não devia deixar passar despercebido.

Ha cem anos, precisamente, com o aparecimento de «O Azemel Vimarane» começou a árdua como ingrata labuta jornalística na nossa terra.

Nós, como os mais novos desta pleiade de lutadores que, de então para cá, de geração em geração, tem honrado a causa da imprensa e a terra que lhe fora berço, rendemos o preito da nossa mais sincera homenagem aos que pereceram, e num amplexo fraternal saudamos os que ainda hoje procuram, servindo-se do jornal, alevantar o nome de Guimarães.

O «Ecos de Guimarães», numa local inserida e de critica à nosa Camara, vem alegar, entre outras varias coisas, que ela só serve para mandar terra do Castelo para o Brazil, o que acha uma grande madureza!!

Lemos, e francamente, achamos tam ridicula esta maneira de combater e de fazer opposição, que não podíamos deixar passar tal tirada, sem o nosso reparo.

Não somos politicos, não é o credo politico da Camara nem o do «Ecos», que nos estimula, a vir fazer este comentário. Fazemo lo, porque comprehendemos qual a significação desse idealismo que o génio de Leal da Camara — e não o Municipio — tam patrioticamente concebeu, levando aos corações dos nossos irmãos de Além-Mar, a Pátria Portuguesa simbolizada nessa porção de terra, que — quem sabe? — foi pisada pelo seu Fundador.

É por esta razão, lamentamos que o nosso colega, tam levemente, aceitasse e publicasse a madura local a que nos referimos.

Terra da nossa Terra

Auzente desta cidade — em goso de um curto periodo de ferias — foi com a mais viva satisfação que li o telegrama do *Janeiro*, onde, em resumo, se noticiava ter vindo ao berço da nacionalidade, á *Vimaranis* da tradição, o insigne artista que é Leal da Camara, colther, junto das muralhas do nosso Castelo, um punhado de terra bem portuguesa, bem Vimarane, que foi depositada num cofresinho-relicario destinado a Terras de Santa Cruz, lavrando se, deste facto, uma acta que ficará perpetuando a genial ideia do grande artista, cujos termos foram publicados no nosso ultimo numero.

Se não vivéssemos num periodo essencialmente materialista, se o caracter não entrasse tambem em aguda crise e o *bairrismo* não fosse uma banalidade que fez o seu tempo, este facto, por si só, bastaria para despertar no espirito dos Vimarane, um sentimento de mais intenso amor pela sua terra, fazendo-os auxiliar todas as boas iniciativas tendentes ao engrandecimento do berço da nossa nacionalidade.

Não ha muito tempo passaram por terras portuguesas a Senhora Princesa de Broglie e a Senhora Condessa de Clermont-Foumerre, pertencentes á mais nobre aristocracia da velha França.

Numa entrevista concedida ao *A B C*, a brilhante revista que Rocha Martins sabiamente dirige, Suas Excelencias tiveram, para Portugal, as mais lisongeiras referencias, e descrevendo as terras percorridas, Valença, Arcos, Ponte do Lima, Braga, Granja... terminaram com esta frase: *Portugal é um amor...*

Como se vê, Guimarães não foi incluída no itinerário de Suas Excelencias, e, certamente, retiraram-se persuadidas de que Guimarães, o berço da nacionalidade, já não existe, passou ás calendas gregas ou emparceirou com a Citania.

Infelizmente, para vergonha da nossa gente, Guimarães jaz imersa no mais profundo esquecimento a que os seus filhos a lançaram. Por isso eu bendigo a lembrança de Leal da Camara arquivando nêsse cofresinho-relicario um punhado de terra da nossa terra, um punhado de terra quem sabe se regada pelo sangue generoso de algum heroi luso, de algum batalhador de São Mamede!... Quem sabe?...

E essa terra, junta com a de Sagres, tem um duplo valôr. Uma representa o esforço denodado do Conquistador, a outra a vontade indomavel do Infante, o periodo aureo das descobertas e conquistas de Além-Oceano, de que o Brasil é um vivo exemplo.

VILAFLOR.

OS DOIS MEDOS

I

AO COMEÇAR A NOITE, UM CERTO DIA,
 A MINHA AMADA OUVI:
 — POR QUE TE CHEGAS TANTO? E PROSEGUIA:
 — TENHO MEDO DE TI!

II

MAS DEPOIS D'ALGUM TEMPO HAVER PASSADO
 ENTÃO ISTO LHE OUVI:
 — PARA QUE FOGES DO MEU LADO?
 TENHO MEDO SEM TI!

CAMPOAMOR.

GUIMARÃES é, positivamente, uma terra de pouca sorte no seu progresso... de caranguejo. As suas casas de caridade e de beneficencia lutam com dificuldades para viverem; a nossa encantadora Penha vai melhorando por conta-gotas; a nossa Sociedade M. Sarmento e o tesouro continuam em estado provisório; Gil Vicente continua a esperar pelo seu monumento; hotéis e theatros é a pelintrice que se vê; casas, cada vez ha menos...

Contudo, Guimarães é uma terra de ricos, vivem quasi todos sem nada gosarem, conhecendo, quando mais, o porto da *Pisc* e a *Fóvea do Mar*. Vivem sem nada produzirem de útil até para si próprios: morrem sem ao menos ligarem o seu nome a uma obra utilitária, legando fortunas a quem já era rico.

São católicos, mas desconhecem a sua doutrina, a não ser aquela do «Venha a nós...». Caridade? Que vem a ser isso para eles?

Entretanto, os jornais (jornais!) desfazem-se em patéticos encomios quando do passamento desses *beneméritos*.

RECEBEMOS a amavel vizita do nosso brilhante colega da Capital «A Verdade», que se apresenta com belo aspecto e colaboração.

—Igualmente recebemos a agradável vizita da «Democracia», folha semanal da vi. inha vila de Fafe, que, não sabemos porquê, esteve suspensa.

Ao reaparecer hoje, enviamos-lhe as nossas saudações, fazendo votos pelas suas prosperidades.

A ambos agradecemos e vamos permutar.

NA reunião efectuada no passado domingo, na sede da Associação Commercial, foi aberta a inscrição para os expositores que desejem concorrer ao certamen a realizar no ano de 1923. Imediatamente se inscreveram as seguintes firmas:

Antonio da Costa Guimarães, Filhos & C.ª, Francisco Inácio da Cunha Guimarães, Neves & C.ª, Limitada, Freitas Guimarães & C.ª, Antonio José Pereira de Lima (Arquinho), Domingos Ribeiro Martins da Costa (Aldão), Oliveira & Irmão, Limitada, Sousa & Coelho, Limitada, Manoel Jesus de Sousa, Antonio Luiz da Silva Dantas, Manoel Gonçalves Lopes, Carvalho & Castelar, Ernesto Pereira da Silva, Fabrica de Guadalupe, Limitada, Joaquim da Costa Vaz Vieira Bento dos Santos Costa & C.ª, Limitada, Freitas, Mendes, Fernandes & C.ª, Limitada (Minhoto) e Antonio Gonçalves Coelho (Serralheiro).

Cartas a uma

Cabecinha de vento

Maria Clara:

Desculpe-me. Mas eu tenho a opinião de Affonso de Bragança: "Uma mulher a fazer literatura é, para mim, como um homem a fazer-me a barba."

Apesar de o meu barbeiro ser um excellente artista, é uma verdade dogmática que uma barba feita por mão de mulher seria uma outra coisa mais bella, mais ideal, e sobretudo mais sugestiva.

Porque não tenha duvidas: se as mulheres fossem capazes de nos rapar a cara, da mesma maneira porque nos limpam as algibeiras, o fazer a barba passaria a ser uma obsessão de todos os instantes.

Cupido não atravessaria jamais com as suas setas envenenadas, os corações dos Romanos: atirar-lhes ia antes com um bom golpe de navalha de barba.

Concordemos: isto de barbas feitas por homens, são assim como as litteratices d'uma mulher que á força de querer escrever para os jornaes, esquece lamentavelmente a meia em casa.

Cada qual devia ser para o que nasceu...

Mas... adiante. Ou como quem diz: entremos com decisão no assumpto que me leva a escrever-lhe.

Creio que foi Sarmiento Duque que lançou um dia a publico esta opinião: "... o homem põe e a mulher dispõe. Dispõe e expõe. E d'essa exposição resulta para nós uma disposição terrível que nos conduz por vezes á pratica falada de certas frases, classificadas pelo sexo pseudo — fragil como indecencias de alto coturno."

E' o caso de todas as mulheres.

Para V.^a Ex.^a eu fui um indiscreto (que macieza de linguagem!) em vir publicamente fazer a descripção d'um esculptural palmo de perna.

Que culpa tenho eu, que culpa temos nós, de que as mulheres continuem a expôr, continuem a mostrar-se, continuem a despir-se? Que culpa tenho eu, que culpa temos nós, de que as mulheres continuem a ser umas authenticas cabecinhas de vento?

E cá está o jornalista citado a fallar: "Pernas bastantes e pouquíssimas meias — umas meias em malha de hypotese de que as pernas esculpturaes eram a tese."

E' um facto. As mulheres despem-se, apparecem em publico quasi em completo estado de nudez, e nós, que somos correctos, que somos educados, não

UMA ENTREVISTA SOBRE ELEIÇÕES MUNICIPAIS

A OPINIÃO DO EX.^{mo} SR. DR. JOÃO ROCHA DOS SANTOS

Desde que foi fixada a data para a realização do acto eleitoral, a vida politica recomeçou a desenvolver-se com maior afinco. Todos procuram confeccionar listas que mereçam a confiança do eleitor, todos desejam apresentar um programa que satisfaga e seja, em parte a aspiração do Concelho que vão representar.

Como se sabe, as eleições municipais devem ser a manifestação da vontade popular, e não o desejo dos dirigentes partidários. E digo da vontade popular, porque «o municipio — como escreveu Henrique de Nogueira — organizado liberalmente, é o único organismo que poderá talvez salvar o nosso país de eminentes catástrofes, pela cura dos males que necessariamente as hão de produzir». *Todo o acto de eleição é simpático, mas quando represente a libérrima manifestação da nossa consciencia.*

E como desejamos que o nosso povo ponha o máximo do seu critério na escolha dos seus futuros representantes não podíamos deixar de nos imiscuir neste acto politico, tanto mais porque ambicionamos o bem da nossa terra, tanto mais porque queremos, no municipio, pessoas que saibam mostrar o seu civismo, o seu reconhecimento e o seu amor pela terra que os elegeu. Mas, como somos novos, e portanto leigos em matéria de eleições, não podíamos apregoar qual a politica a seguir, sem que primeiro consultássemos, quem, melhor do que nós, a pudesse preconizar.

Assim, resolvemos ouvir diversos vultos politicos em evidencia, para que, conhecida a sua opinião, nós melhor pudessemos orientar a consciencia publica. Lembrou nos o Ex.^{mo} Sr. dr. João Rocha dos Santos, antigo Presidente da C. E. da Camara. Dirigimo nos ao seu escritorio, e vamos encontrar sósinho. Era occasião propicia. Entramos e declinamos a nossa identidade. Recebitos afavelmente por S. Ex.^{ta}, fomos convidados a sentar-nos. Rapidamente soltamos a primeira pergunta:

— Qual é a opinião de V. Ex.^{ta} sobre o proximo acto eleitoral. Representamos um jornal independente, defensor dos interesses de Guimarães, e por isso, queriamos que nos dissesse qualquer coisa sobre esse acto politico.

— Politico, perdão, atalhou o nosso entrevistado. Eu não comprehendendo as eleições municipais como sendo um acto verdadeiramente politico. E tanto assim, que nós, os monarchicos, defensores duma lista que se intitula — da Cidade — procuramos, e esse é o nosso desejo, reunir, nela, as chamadas classes conservadoras. Que nos importa a nós que na lis-

ta apareçam nomes de republicanos? Não é o bem da terra que procuramos servir? A missão não é a mesma? Porque não o entendimento e o acôrdo, se na classe conservadora ha republicanos que podem prestar serviços á sua terra?

E' claro, que não é a nós que cabe a missão de elaborar acordos. Eles, como elementos officiais, é que devem procurar nos. Damos o apoio a qualquer lista, desde que as pessoas que, nela entrem, sejam a garantia da boa administração publica. Hoje, o municipio tem muitos recursos. Portanto, alguma coisa de util se pode fazer em prol do Concelho.

— E qual serão, poderá V. Ex.^{ta} dizer-nos, os assuntos que mais devem interessar a futura vereação?

— Para já, a construção dum bairro operário. Devido á minha profissão de advogado, tenho convivido bastante com essa classe.

Conheço quaes as suas necessidades e com franqueza, numa cidade como a nossa, onde os operários abundam, é triste que elles não tenham habitações, que estejam sujeitos a dormir em pocilgas anti-higienicas. A Camara pode mandá-las construir, alugá-las por um preço relativamente barato, e creia que, dentro de muito pouco tempo, salvava o capital gasto nessas construções. Como se tem visto, os nossos vereadores só tem sabido deitar casas a baixo, e quanto a construí-las de novo, nada. Outro assunto que deve interessar o municipio, deve ser o da reparação das estradas. E' vergonhoso o estado em que ellas se encontram. Impossível se torna fazer uma viagem com comodidade.

— Infelizmente, isso é a pura expressão da verdade. Ainda ha bem pouco tempo, o mesmo reparo foi feito pela princesa Broglie, quando da sua recente visita ás diferentes cidades do nosso país. Tem sido um desleixo que não tem desculpa.

Mas... vamos ao nosso caso. Qual será então o programa que se propoem realizar?

— Isso, ainda não sei. Não lho posso, para já, precisar. Em todo o caso, quando elle ficar elaborado, prometo informá-lo melhor.

Julgo que deve satisfazer o eleitor e que sintetisa a aspiração do nosso Concelho.

— Preconisa então a politica do amor á terra?

— Sim senhor. Nós só procuramos bem servi-la. Mesmo essa politica é que eu ambiciono e quero. E estou certo, que as pessoas que computarem a lista que procuramos ver eleita, são da minha opinião. Deve haver bairrisimo e não politica.

(Continua na 3.^a pag., fundo da 4. columna).

apalpamos, não beijamos, não mordemos a carne que assim, provocadoramente se nos dá, que assim tão insolentemente se offerece ao nosso desejo e aos nossos sentidos: limitamo-nos a vêr, não passamos além de umas ligeiras palavras de critica.

E somos maus, e somos indiscretos, e somos malcreados... E eu a ralar-me... E' o raticos, que somos educados, não las...

Meu Amiguinho: Não sei a esta hora o que terá pensado de mim. Naturalmente que sou uma Mulher como todas as outras: cheia de defeitos e falha de senso. Que o pense, e o diga, é o que menos me custa; mas fazer acreditar aos homens que nós — as mulheres — para nada prestamos não o deve dizer nem tampouco afirmar que nos despreza acabando por concluir: — «Mulheres? Nem de barro á porta!»

Oh! Se não fosse a Mulher o que teria sido do homem? o que teria feito o homem? Sim... O que teria sido dele se um olhar de Mulher não iluminasse o seu caminho... A Mulher é como a rosa: perfuma-lhe a existencia; é tambem a enfermeira do seu espirito como lhe serve tambem de companheira as mais das vezes sacrificada ao seu egoismo destemperado. E' a deusa cantada pelos seus devaneios — quantas vezes falsos e cruéis! — em versos simples e brandos cuja musica a extasia, e enlouquece, e perde!

Queridinho Ruy: Não seja tam exagerado: creia em nós, no nosso Amor de Mulher, e não tem que arrepender-se... A nossa Alma? E' singela, tam singela que, para sua maior desgraça, anda por aí, nas crónicas das Revistas, feita farrapo, em leilão, por sua culpa, por culpa de todos os homens...

Desfolhada petala a petala; calcada depois de gosada; ofendida a flôr da sua carne, quantas vezes não é levada pela sua mão, pela mão de todos os homens para o lixo da prostituição! Que desgraçadas somos nós, as Mulheres!...

Eu bem sei que há mulheres culpadas; de quem o erro, o desatino? eu não ignoro a existencia de mulheres a quem o luxo perturba e seduz; mas de quem é a culpa ainda? Não tem elas a minima responsabilidade. Cabe toda, sim, aos seus educadores, aos pais, muitas vezes aos irmãos, aos proprios maridos e amantes que, diante delas, fazem o elogio das modas e dos bailes, que — deixe-me ser-lhe franca — são a mais perfeita Arte de pecar!...

Estou-me tornando aborrecida, eu sei; mas o incrédulo Ruy perdôa á massadora que não quere terminar sem lhe repetir aqui esta frase cheia de verdade: — Toda a inteligencia do homem não vale um sentimento de Mulher —. A sua Amiguinha — MARIA CLARA.

Por hoje basta... Isto de escrever para as gazetas é para os homens; pertence tanto ao homem como lhe pertencem a bigodeira e as calças.

Ou estarei eu a fallar com uma Maria Clara de bigode?

Todo seu

RUY DE LANCASTRE.

Guimarães, 1922.

Cartas para o Ruy

II

DESEJO DE MALDIZER

14 de Outubro — 1922.

Meu Amiguinho: Não sei a esta hora o que terá pensado de mim. Naturalmente que sou uma Mulher como todas as outras: cheia de defeitos e falha de senso. Que o pense, e o diga, é o que menos me custa; mas fazer acreditar aos homens que nós — as mulheres — para nada prestamos não o deve dizer nem tampouco afirmar que nos despreza acabando por concluir: — «Mulheres? Nem de barro á porta!»

Oh! Se não fosse a Mulher o que teria sido do homem? o que teria feito o homem? Sim... O que teria sido dele se um olhar de Mulher não iluminasse o seu caminho... A Mulher é como a rosa: perfuma-lhe a existencia; é tambem a enfermeira do seu espirito como lhe serve tambem de companheira as mais das vezes sacrificada ao seu egoismo destemperado. E' a deusa cantada pelos seus devaneios — quantas vezes falsos e cruéis! — em versos simples e brandos cuja musica a extasia, e enlouquece, e perde!

Queridinho Ruy: Não seja tam exagerado: creia em nós, no nosso Amor de Mulher, e não tem que arrepender-se... A nossa Alma? E' singela, tam singela que, para sua maior desgraça, anda por aí, nas crónicas das Revistas, feita farrapo, em leilão, por sua culpa, por culpa de todos os homens...

Desfolhada petala a petala; calcada depois de gosada; ofendida a flôr da sua carne, quantas vezes não é levada pela sua mão, pela mão de todos os homens para o lixo da prostituição! Que desgraçadas somos nós, as Mulheres!...

Eu bem sei que há mulheres culpadas; de quem o erro, o desatino? eu não ignoro a existencia de mulheres a quem o luxo perturba e seduz; mas de quem é a culpa ainda? Não tem elas a minima responsabilidade. Cabe toda, sim, aos seus educadores, aos pais, muitas vezes aos irmãos, aos proprios maridos e amantes que, diante delas, fazem o elogio das modas e dos bailes, que — deixe-me ser-lhe franca — são a mais perfeita Arte de pecar!...

Estou-me tornando aborrecida, eu sei; mas o incrédulo Ruy perdôa á massadora que não quere terminar sem lhe repetir aqui esta frase cheia de verdade: — Toda a inteligencia do homem não vale um sentimento de Mulher —. A sua Amiguinha — MARIA CLARA.

Ó Guimarães

teu progresso, tua vida...

AS PRÓXIMAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS

PRECONISA-SE A POLÍTICA DE AMOR À TERRA!

À Exposição Industrial e Agrícola

Que a cidade de Guimarães vai realizar no ano de 1923.

Uma importante reunião

Quem providencia?—Na Praça do Mercado, aos sábados, nas emboaduras das ruas que para ela dão e nas barreiras ali mesmo ao Propósito, as regateiras e regatões de galinhas, de ovos, de batatas, de tudo quanto faz falta ao mercado e que sirva para exportar, fazem uma verdadeira caçada aos portadores desses géneros, exercendo livremente o açambarcamento. Algumas barracas da praça, são verdadeiros depósitos de batata songadas aos preços razoáveis para depois subirem conforme as necessidades do povo. Não se tomam providencias; e quando se tenta reprimir estes abusos vêm logo o empenho, surge logo a influência política ou o abuso até daquelas que deviam apoiar e ajudar a autoridade.

Um sudário de coisas tristes...

Só assim Os governos, as autoridades, são os bombos de festa dos amores do povo explorado e quasi sem pele.

Mas a verdade é que todos são culpados deste aflitivo estado de coisas. O que ha pouco custava dez, custa logo vinte.

Tem culpa o que assim explora como o que se deixa explorar. Se uns poupam por economia ou por insuficiência de meios, outros gastam à larga por insensatez ou por fartura de dinheiro angariado em cherudos negócios ou em largos proventos. Se uns regateiam alguns escudos, outros ostensivamente oferecem grossas quantias. Se uns viram os fatos, outros não dispensam meia dúzia deles no ano. Se uns limitam a mesa, outros banqueteam-se sem dispensa de iguarias como em tempo de fartura. Se uns vão remediando com remontes, outros dão-se ao luxo de calçado fino, caríssimo. Uns procuram viver modestamente, outros esbajam loucamente no luxo, em passeatas, em todos os desvaivos de dementados. Resulta daqui uma desigualdade flagrante, em que o que não pode tem de adquirir caro aquilo que os perdulários ou os novos ricos fizeram subir. O cambio tudo justifica. Qualquer labrosca, qualquer sardineiro, lá para os confins do Gerez, sabem já responder: «E' o cambio».

Tudo sobe espantosamente. Se, após uma compra, se reconhece que o artigo comprado não chega e se se volta a comprar mais, já pedem mais um tostão, e é para quem quer.

Ainda as subvenções ao funcionalismo estavam em projecto e já a carestia de vida subia mais que proporcionalmente à melhoria calculada.

E' o homem lobo do lobo, é a ancia de enriquecer depressa.

Todos se queixam dos governos da maldita guerra, mas aqueles que mais falam são os que enriqueceram à sua sombra.

Moderem-se os gastos, modere-se o luxo, restrinja-se o indispensável; façam os governantes, de alto a baixo, a indispensável compressão de despensas, suprimindo cargos e comissões escandalosas de serviço; e verão como isto melhora sem a promulgação de leis que nada dão na prática, porque ninguem as quer respeitar, porque nem as autoridades as tomam muitas vezes a sério.

CAPITÃO PINA.

Como as eleições se avizinham, não podia o nosso jornal ficar indiferente perante a realização de tal acto, e porisso surgiu-nos a ideia de ouvir a opinião das pessoas que preconisassem qual a melhor politica a seguir sobre as próximas, tanto mais que desejavamos bem orientar a opinião pública e bem servir a terra que nos propuzemos a defender.

Lembramo-nos de alguém, e afastado de nós o receio de não sermos atendidos, lá nos arrastamos até á casa da pessoa que queríamos entre vistar. Declinamos a nossa identidade, e depois de alguns minutos de espéra, fomos convidados a entrar.

Introduzidos num pequeno e interessante gabinete de trabalho, corremo-lo sofregamente com a vista numa curiosidade franca que a presença do nosso martirizado permitiu.

Explude logo a primeira pergunta: —O que há sobre eleições?

—O que há, não sei. De positivo há planos e há fantasias. Mas deixe-me dizer-lhe: O acto eleitoral pode interessar me em seus resultados; como espectáculo, entristece-me. Queria ver civismo em prol da causa pública. Li um dia o que foram umas eleições num cantão suíço. Comoveram-me! e... desconfiei se tam grande povo seria deste planeta. Não, meu amigo: não me interrogue sobre o próximo acto eleitoral. Isso é com os outros com os «diletantes» da politica. Eu sou um... platónico

—Mas não entende V. Ex.^a que era tempo de se cuidar a sério da politica administrativa do Municipio?

Sim, entendo e preconiso essa necessidade. Eu sou cada vez mais municipalista. O municipalismo ha de salvar a nacionalidade. A melhor escola de administração pública está no governo municipal. No dia em que os 268 municipios resolvam federar-se, o Terreiro da Paço desfaz-se em cacos pelo ar. Ou não fosse o Municipio a célula mater do verdadeiro governo popular. A Nação só verdadeiramente provará que exerce uma soberania e uma democracia, naquela hora em que dê aos municipios a sua carta de alforria—um descentralismo, sem ficções.

—Perdão! atalhamos nós—A doutrina agrada-nos, mas o que queriamos é que nos falasse da atitude dos politicos, perante o próximo acto eleitoral.

Ora! O que lhe poderei eu dizer, que não seja isto: Os politicos, como os partidos, preocupa-os a vaidade de vencer. Esta vaidade, pode neles mais que o orgulho de governar. O problema administrativo é relegado a um plano secundário. Agitam-se cartazes—que são os programas e são as promessas? Engôdo. O governo municipal é uma ficção. O bem público só a poucos interessa. A atitude dos politicos, perante as próximas, não muda o ambiente. Corre tudo em bamburrio!

—Pois é pena, não lhe parece?... Porque não levam ao Municipio os homens de competencia, que ainda os há?

Homens de competencia! Outro «chavão», meu amigo. Não basta ter uma bagagem de competencia: o que muito importa é que com algumas ideias sobre administração, se

faça bom uso da vontade. Homens de vontade honesta, de vontade forte é que mais é preciso. Ponham na presidência um homem que assimile algum direito administrativo, mas sem vontade, e tudo virá abaixo, sem remissão. Prova-o a experiencia.

Meu amigo! Diz o poeta que trez cardiais juntos não salvam Roma. Eu direi: Muitos... doutores juntos, não salvam o governo municipal!

—Tudo iria em saber confeccionar uma lista...

Ao que o nosso entrevistado logo atalhou:

Digamos antes, em saber confeccionar... um menu. O critério que faz uma lista, é... critério de cosinheiro. Procura se atingir o apetite daqueles que a hão de fazer vencer. O «influyente» é que lhe deita os temperos. Deste modo não temos, em regra, uma lista de governo temos uma lista... de meza. Senta-se á meza quem o «influyente» quer. E quem paga a despeza — que por sinal é cara! — é a batota. Perdão! As favas quem as paga, é o povo, que fica por servir.

—Até ao dia em que o povo resolve reagir, não acha?

O povo não reage. E' um dromedário que apenas dá ao farrapo. Ele bem vê que a embofia do mando é absorvente e dissolvente. Entanto, ele filósofa, desconfiado: «Diabol... Ou a embofia os medra, ou levam rasca...»

—Mas não entende V. Ex.^a que é que vá ao poleiro quem seja abor-davel, para o farrasinho do estilo.

Vereador que perdoa uma multa e que não corta o abuso da agua, que não cinge a planta á lei e o Código á fieira; que favorece a avença e deixa correr o marfim, é o vereador ideal! Está reeleito... pela imbecilidade indigena. Desengane-se! O que são precisos não são homens de acção administrativa—inteligentes, dados á tarefa correndo com o abuso, perdendo o seu rico tempo a estudar a face do direito a procurar o remedio eficaz e oportuno, sem se desculparem com os seus afazeres: o que são indispensaveis são homens—de corte decorativo!

—Não! não! interpozemos nós. A vacuidade tem de vir a terra! Basta de empatas! A politica da terra, exige-o!

—Tem razão. A politica do amor á terra indica que se siga rumo novo. Não basta que se ocupe um lugar: é necessário honrar a função. Contudo, se eu lhe disser que, após o triunfo, a maioria dos eleitos, pensa mas é—na sua vida... Se eu lhe disser que há vereadores que nem sequer conhecem os dominios do seu pelouro... Se eu lhe disser que chega a ser uma vitória conseguir numero para as sessões poderem funcionar... Se eu disser... Mas eu não lhe digo nada, para não ofender o protocolo. As mentiras convencionais obrigam a silencias prudentes e cómodos. Falemos das próximas...

—A propósito: V. Ex.^a tem lido as gazetas locais? O que pensa da atitude dos monarchicos? Que nos diz, qual venha a ser o procedimento dos republicanos?

—Devagar, meu amigo! Os prin-

Termina na 4.ª página)

Com a assistencia de vários industriais, representantes de diversas colectividades e da imprensa local, efectuou-se, na Associação Commercial uma importante reunião preparatória para assentar na forma da realização dum certamen Industrial e Agrícola, nesta cidade.

Presidiu a essa sessão o Ex.^{mo} Sr. Manuel Martins Barbosa de Oliveira, dig^{mo} Presidente da Associação Commercial, que escolheu para seus secretários, os Ex.^{ms} Srs. dr. Eduardo de Almeida e Simão da Costa Guimarães, o primeiro representando a Sociedade Martins Sarmiento e o segundo a firma que mais contribuiu para a realização da exposição industrial de 1884.

Aberta a sessão pelo sr. Presidente, foi por este mesmo senhor exposto o assunto que se ia versar, e depois de ter prestado a sua homenagem aos vimaranenses ilustres que, em 84, tanto contribuíram para elevar o nome de Guimarães, termina pedindo, a todos os presentes, a sua colaboração para a obra que ali se encetava. Em seguida foi concedida a palavra ao Ex.^{mo} Sr. dr. Eduardo de Almeida, que, numa bela e bem burilada peça oratória afirmação do seu subido talento—começou por mostrar a grande necessidade que ha em realizarem-se tais exposições, pois elas são o atestado mais comprovativo da vida de um povo, e mesmo do desenvolvimento duma cidade. Analisou profecientemente as diferentes fases por que tem passado a industria vimaranense, aavez dos seus séculos de existencia, e diz, que se Guimarães tem sido um centro de actividade industrial, deve-o ao seu esforço, deve-o ao trabalho da sua gente. Foi muito aplaudido.

Falaram ainda os srs. Francisco Martins João Rodrigues Loureiro, Simão da Costa Guimarães e o representante do nosso jornal que, em nome do Grupo Pro Vimarane, ofereceu ao sr. Presidente o seu apoio franco e leal. Depois dos devidos agradecimentos, procedeu-se á inscrição dos expositores, inscrição que foi iniciada pela firma de Antonio da Costa Guimarães, Filhos & C.^ª, como homenagem de ter sido a alma do certamen de 84.

(Continuação da entrevista da 2.ª página)

sectarista, que só pode prejudicar a nossa terra, e nada mais. Sejamos mais unidos, e trabalhando em conjunto, procuremos, todos sem excepção, engrandecer a terra que nos foi berço.

O que tem havido é uma má orientação, que já é tempo de reparar.

Satisfeitos com as dec'arações de S. Ex.^ª, despedimo nos, muito gratos á penhorante atenção com que nos recebeu o Ex.^{mo} Sr. Dr. João Rocha dos Santos, conscjos de que as suas palavras são a prova mais evidente do seu amor á cidade de Guimarães.

L. C.

O engrandecimento duma terra está no seu progresso.

Tipografia Luzitania
DE
João Pereira da Costa
Rua do Gravador Molainho, 45
Guimarães

Estabelecimento modelar onde, com a maxima brevidade, se executam todas as obras consenrentes á arte tipográfica.

PAPELARIA, TABACOS, COMISSÕES E SEGUROS DA COMPANHIA ATLAS

NOVA PADARIA
Rua Elias Garcia, 63
(Antiga de Santa Maria)
GUIMARÃES
DE
Luiza Candida Lemos Almeida

Fabrico de pão borda, bijou e rosca. Pão ralado

CASA DAS NOVIDADES
Ribeiro, Castro & C.^{ta}
103 - Rua da Republica - 103
GUIMARÃES

LIVRARIA, PAPELARIA, TABACARIA
PERFUMARIAS E MIUDEZAS

ARTIGOS PARA ESCRITÓRIO.

Selos, letras e mais valores selados.
Músicas para Piano.
Casa Editora de Obras Catolicas.
Medalhas, Terços, Oleógrafias e outros artigos de piedade.

FERREIRA & MARTINS
Limitada
86, Rua de Paio Galvão, 88
GUIMARÃES

Mercearia de 1.^a qualidade.
Vinhos finos das melhores marcas, doces e bolachas.
Depositarios dos Refrigerantes, Xaropes e Licores do Bom Jesus de Braga.

(Conclusão da entrevista da 3.^a página)

cipios politicos, em vespervas de eleições, costumam... mudar de casa. O que mais prevalece é o acôrdo—o conluio.

A oportunidade é tudo, em politica. Salvar principios e salvar eleições—é por vezes coisa antagónica e, porisso mesmo, difficil. Monarquicos ortodoxos e monarquicos—lista da cidade, *comer-se hão*, por final, como os grilos do Patagonia. Tem de entrar em conchavos aqueles que quizerem vencer. E nunca esquecer isto: Os republicanos são uma *força oficial*. **Eles não transigirão com monarquicos!** Sobretudo, com aqueles que, por serem mais combativos ou mais representativos, não podem sofrer umas pinceladas de «regionalista» ou «independente».

—Diga nos: Será verdadeiro o boato duma conjunção republicana?

—Não julgo isso impossivel. Entretanto, o boato deve ser falso. Ou então... balão de ensaio. A ameaça dum assalto, em linha de forma, pelos monarquicos, poderia fazer o... milagre, de juntar todos os desentendidos. A dissidencia, por ex., *estabelecidas certas condicionais*, iria com todos os republicanos á eleição municipal.

Compreende! Deante do perigo comum, todos são apenas republicanos. Não há, não pode haver adversarios, onde surja o rebato de—«fogo!»

Todavia a coisa levará ontro rumo...

—Pode dizer-nos que rumo será esse?

Isso é com... os outros. Eu sou,

Faleceu há dias o snr. José Antonio da Costa Braga, tio do nosso amigo sr. Alberto Vieira Braga.

—Tambem faleceu a gentil D. Aurelina

eleitoralmente, um valor negativo. Nunca pedi um voto! Jámais meti á cara de alguém a minha candidatura. Se algumas vezes escalei o poder, mais vezes o recusei. Não serei, pois, eu quem esteja no segredo dos deuses. Se eu me desse á missão de profeta, comprometeria a missão. Acho que em politica, tudo depende das circunstancias. A ultima hora, será a melhor hora para profetar.

Digo lhe apenas: *A politica do amor á terra é a única que me se duz*. Só ela me atrai. Só por ela eu me determino. Podem os nossos homens públicos fazer na conjuntura, essa boa politica local? Seria optimo de resultados. Para o seu triunfo são licitos todos os sacrificios. Todas as fontes são honestas para tal «desideratum». Sem abdicções vergonhosas nem transigencias que rebaixem, um bom acordo podia dar ao municipio,—aquilo que ele carece:

—Homens de vontade forte, com um prudente e inteligente plano de administração!

—Olhe: se eu tiver vagar, dir lhe ei a vida atribulada do nosso municipio... Administrar, hoje, é desagradar.

Se eu tiver vagar, conversaremos.

Estava finda a entrevista. Despediamo nos com os nossos melhores agradecimentos, orgulhosos de mais este triunfo alcançado, e já quando fóra da porta executávamos a ultima vênia, S. Ex.^a, no patamar, lembrava-nos, mais uma vez, aquilo que nos poderia esquecer: o revelar o seu nome.

c.

MERCEARIA
CONFEITARIA

26, RUA 31 DE JANEIRO, 28

Comp. e sortido de todos os artigos referentes ao seu comercio.

Representantes dos afamados vinhos de RODRIGUES PINTO, Gaia

Vinhos Ferreirinha ao preço da tabela

Barbearia Ideal

13, LARGO CONDESSA DO JUNCAL, 14-A

— GUIMARÃES —

BENTO GOMES**SERVIÇO ESMERADO****CASA PENHORISTA VIMARANENSE****Emprestimos sobre Valores****PEIXOTO, ROCHA & C.^a**

RUA DA REPÚBLICA — GUIMARÃES



Rua 31 de Janeiro — Guimarães

*
Estabelecimento DE FAZENDAS BRANCAS, MODAS E MIUDEZAS.
*
LIQUIDAÇÃO DE TODOS OS ARTIGOS DA Estação de Verão
*

Antonio de Araujo Salgado

CASA BARBOSA
MARIO QUEIROZ
Rua da Republica, 132
GUIMARÃES

ESPECIALIDADE EM CHÁ E CAFÉ

Deposito de vinhos gazosos de Anadia, de Lucien Beisecker, da especial manteiga Flór da Citania, de Paços de Ferreira, e do afamado café Gonçalves Costa, de Lisboa.

Farmacia Alves Mendes
SUCESSOR
LARGO PRÍOR DO CRATO, 41
GUIMARÃES

Proprietario:
Manuel Ferreira Martins
Farmaceutico licenciado pela Faculdade de Farmacia da Universidade do Porto

Aviamento esmerado de todo o re- ceituário, com produtos quimicos de toda a confiança. Especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras. Analises e esterelizações.

CASA DUARTE
LANIFICIOS
Tecidos de algodão nacionais e estrangeiros
ARTIGOS DA MODA

Delegação da Companhia de Seguros «Indemnizadora»

Rua 31 de Janeiro, 33 a 37
GUIMARÃES